

JOE ABERCROMBIE



MEIO  
MUNDO

MAR DESPEDAÇADO 2





## O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

Para Eve

*O gado morre,  
Os parentes morrem.  
Todo homem é mortal,  
Mas eu sei de uma coisa  
Que não morre jamais:  
A glória dos grandes feitos.*

HÁVAMÁL, AS PALAVRAS DO ALTÍSSIMO

I

*PÁRIAS*

## Os merecedores

ELE HESITOU APENAS um instante, mas foi tempo suficiente para Thorn acertá-lo nos bagos com a borda do escudo.

Mesmo com o estardalhaço dos outros garotos torcendo para que ela perdesse, Thorn ouviu Brand gemer.

Seu pai sempre dizia: *O momento em que você fizer uma pausa será o momento da sua morte*. E ela vivia seguindo esse conselho, para o bem ou, principalmente, para o mal. Exibiu os dentes num rosnado de luta – sua expressão predileta, afinal de contas – e partiu para cima de Brand com mais intensidade do que nunca.

Acertou-o com o ombro, os escudos se chocando e raspando, a areia voando dos calcanhares enquanto ele cambaleava para trás pela praia, o rosto ainda retorcido de dor. Ele tentou acertá-la, mas Thorn se abaixou para se esquivar da espada de madeira, girou a sua própria e pegou-o direto no tornozelo, logo abaixo da bainha da cota de malha.

Para o crédito de Brand, ele não caiu nem gritou, apenas pulou para trás com uma careta. Thorn deu de ombros, esperando para ver se mestre Hunnan consideraria isso uma vitória, mas ele permaneceu em silêncio como as estátuas no Salão dos Deuses.

Alguns mestres de armas agiam como se as espadas de madeira fossem de verdade e mandavam parar diante do que seria um golpe mortal de uma lâmina de aço. Mas Hunnan gostava de ver seus alunos derrubados, machucados, aprendendo uma dura lição. Os deuses sabiam que Thorn havia aprendido lições duras o suficiente no campo de treino. Sentia-se feliz por ensinar algumas.

Por isso deu um sorriso zombeteiro para Brand – sua segunda expressão predileta – e gritou:

– Venha, seu covarde!

Brand era forte como um touro e podia lutar por bastante tempo, mas agora estava mancando, cansado, e Thorn havia se certificado de que a inclinação da praia estivesse a seu favor. Manteve o olhar fixo nele,

desviou de um ataque e de outro, depois deslizou ao redor de um golpe desajeitado por cima da cabeça, que deixou a lateral de Brand desprotegida. O melhor lugar para enfiar uma lâmina é nas costas do inimigo, dizia sempre seu pai, mas a lateral era quase tão boa quanto. Sua espada acertou as costelas de Brand com um estalo que pareceu o de uma tora sendo rachada. Ele ficou cambaleando, impotente, e Thorn abriu um sorriso mais largo do que nunca. Não há no mundo sentimento tão doce quanto golpear uma pessoa da maneira certa.

Mandando a sola da bota contra o traseiro dele, fez com que Brand se esparramasse de quatro na última onda. Ao se afastar sibilando, a água pegou sua espada e a levou pela praia, encalhando-a no meio das algas.

Thorn chegou perto e Brand estreitou os olhos, o cabelo molhado grudado na lateral do rosto e os dentes ensanguentados da pancada que recebera. Talvez ela devesse ter sentido pena, mas fazia muito tempo que Thorn não podia mais se dar ao luxo de lamentar.

Em vez disso, pressionou a lâmina cheia de mossas no pescoço dele e perguntou:

– E então?

– Certo. – Ele balançou a mão de forma débil, praticamente sem conseguir respirar para falar. – Perdi.

– Rá! – gritou ela em sua cara. – Rá! – berrou para os garotos cabisbaixos ao redor do quadrado. – Rá! – exclamou até mesmo para mestre Hunnan.

Em seguida, levantou a espada e o escudo em triunfo, sacudindo-os para o céu e para o chuveiro.

Algumas palmas desanimadas e murmúrios. E só. Houvera aplausos muito mais generosos para vitórias inferiores, porém Thorn não estava ali pelos aplausos.

Estava ali para vencer.

Às vezes a Mãe Guerra toca uma garota, que é colocada no meio dos garotos no campo de treino e aprende a lutar. Dentre as crianças menores, sempre há umas poucas, mas a cada ano elas se voltam para tarefas mais adequadas, são obrigadas a se dedicar a elas, são levadas à custa de gritos, agressões e surras, até que as plantas vergonhosas sejam desenraizadas e reste apenas a flor gloriosa da masculinidade.

Se os vansterlandeses atravessassem a fronteira, os insulares desembarcassem num ataque ou ladrões chegassem à noite, as mulheres de Gettland encontrariam armas em pouco tempo e lutariam até a morte, muitas delas bastante bem. Sempre havia sido assim. Mas quando fora a última vez que uma mulher havia passado nos testes, feito os juramentos e obtido lugar num ataque?

Existiam histórias. Existiam canções. Mas até mesmo a Velha Fen, a mais idosa de Thorlby e, segundo diziam alguns, do mundo, jamais tinha visto algo assim em seus incontáveis dias.

Até agora.

Todo aquele trabalho. Todo aquele desprezo. Toda aquela dor. Mas Thorn havia derrotado todos. Fechou os olhos, sentindo o vento salgado da Mãe Oceano beijar seu rosto suado, e pensou em como seu pai ficaria orgulhoso.

– Passei – sussurrou.

– Ainda não. – Ela nunca tinha visto mestre Hunnan sorrir. Mas também nunca o vira franzir a testa tão sério. – Eu decido quais testes você fará. Sou eu quem decide se você passou. – Ele olhou para os garotos da idade dela, 16 anos, alguns já estufados de orgulho por terem passado nos testes. – Rauk, você vai lutar contra Thorn agora.

O garoto arqueou as sobrancelhas, olhou para Thorn e deu de ombros.

– Por que não? – disse ele, passando em seguida entre os amigos, entrando no quadrado, apertando a tira do escudo e pegando uma espada de treino.

Ele era cruel e hábil. Nem de longe tão forte quanto Brand, mas tinha uma probabilidade muito menor de hesitar. Mesmo assim, Thorn já o havia derrotado antes e ela iria...

– Rauk – disse Hunnan, com o dedo nodoso vagando –, Sordaf e Edwal.

A aura de triunfo se esvaiu como água vazando de uma banheira quebrada. Houve um murmúrio entre os rapazes enquanto Sordaf – grande, lento e sem muita imaginação, mas com um tremendo gosto por pisotear quem estivesse caído – ia cambaleando pela areia, prendendo as fivelas da cota de malha com os dedos gordos.

Edwal – rápido, de ombros estreitos, com um emaranhado de cachos castanhos – não se moveu imediatamente. Thorn sempre o havia considerado um dos melhores.

– Mestre Hunnan, nós três...

– Se querem um lugar no exército do rei, façam o que mandei.

Todos queriam. Desejavam isso quase tanto quanto Thorn. Edwal franziu a testa para a esquerda e a direita, mas ninguém se manifestou. Com relutância, passou entre os outros e pegou uma espada de madeira.

– Não é justo! — falou ela.

Thorn estava acostumada a sempre demonstrar coragem, não importando as dificuldades, mas nesse momento sua voz saiu como um balido desesperado, como um cordeiro levado impotente para a faca do carnicheiro.

Hunnan desconsiderou esse fato, fungando.

– Este quadrado é o campo de batalha, garota, e o campo de batalha não é justo. Considere esta a sua última lição.

Diante disso, houve risos esparsos, provavelmente por parte de alguns que ela já havia envergonhado com surras em alguma ocasião. Brand a observava por trás de alguns fios de cabelo soltos, uma das mãos tocando a boca sangrenta. Outros mantinham os olhos voltados para o chão. Todos sabiam que aquilo não era justo. Mas não se importavam.

Thorn retesou o maxilar, levou a mão do escudo até a bolsinha pendurada no pescoço e a apertou com força. Lutava contra o mundo havia tanto tempo que nem conseguia se lembrar. Thorn era uma guerreira; daria a eles uma luta que jamais esqueceriam.

Rauk virou a cabeça rapidamente para os outros e eles começaram a se espalhar, tentando cercá-la. A situação poderia não ser tão ruim assim. Se ela atacasse rápido o suficiente, talvez separasse um deles do grupo e ganhasse uma chance mínima contra os outros dois.

Olhou nos olhos deles, tentando avaliar o que fariam. Edwal relutante, ficando para trás. Sordaf atento, com o escudo levantado. Rauk deixando a espada pender, exibindo-se para os espectadores.

Só queria se livrar do sorriso dele, fazê-lo sangrar, e ficaria satisfeita.

O sorriso de Rauk fraquejou quando ela soltou o grito de luta. Ele recebeu o primeiro golpe no escudo, cedendo terreno, e um segundo



também, lascas voando. Depois ela o enganou com o olhar, levando-o a levantar o escudo bem alto. Abaixou-se no último instante e o atingiu com um golpe giratório no quadril. Ele berrou, virando de lado de modo a deixar a nuca exposta para Thorn. Ela já estava levantando a espada outra vez quando vislumbrou um movimento rápido com o canto do olho e ouviu um som esmagado e nauseante. Mal sentiu que caía, mas de repente a areia a arranhava e ela encarava, perdida, o céu.

Esse é o problema de partir para cima de um e ignorar os outros dois. Gaivotas gritavam no alto, circulando.

As torres de Thorlby se destacavam, negras, contra o céu luminoso.

*É melhor se levantar*, dizia seu pai. *Não irá ganhar nada deitada de costas.*

Thorn rolou, lenta, desajeitada, a bolsinha escorregando da gola e balançando na correia, o rosto latejando bastante.

A água subiu pela areia, fria, envolveu seus joelhos e ela viu Sordaf pisar com força. Ouviu um estalo como de um graveto se partindo.

Tentou ficar de pé e a bota de Rauk acertou suas costelas e a fez rolar, tossindo.

A onda recuou e foi embora, o sangue pinicou seu lábio superior, pingando na areia molhada.

– Devemos parar? – ouviu Edwal dizer.

– Eu mandei parar? – retrucou Hunnan.

Thorn fechou o punho com firmeza em volta do cabo da espada, reunindo forças. Viu Rauk dar um passo até ela e agarrou sua perna quando ele chutou, segurando-a junto ao peito. Deu um impulso para cima com tudo, rosnando no rosto dele, e Rauk tombou para trás, agitando os braços.

Thorn cambaleou até Edwal, mais caindo sobre ele do que o atacando, a Mãe Oceano, o Pai Terra, a carranca de Hunnan e o rosto dos garotos que assistiam, tudo oscilava e girava. Ele a agarrou, mais mantendo-a de pé do que tentando derrubá-la. Ela se apoiou no ombro dele, mas torceu o pulso. Seguiu aos tropeços e perdeu a espada. Tombou de joelhos e se levantou de novo, o escudo balançando ao lado do corpo na tira arreben-tada enquanto Thorn girava, cuspiendo e xingando. Ela se imobilizou.

Sordaf permanecia de pé, com a espada pendendo frouxa, olhando.

Rauk se apoiou com os cotovelos na areia molhada, olhando.

Brand ficou entre os outros garotos, boquiaberto, todos olhando.

Edwal abriu a boca, mas tudo o que saiu foi um som úmido e estranho, como um peido. Ele largou a espada de treino e ergueu a mão desajeitadamente para segurar o pescoço.

O cabo da espada de Thorn estava ali. A lâmina de madeira havia se quebrado ao ser pisada por Sordaf, deixando uma lasca comprida, que agora atravessava a garganta de Edwal, a ponta brilhando, vermelha.

– Pelos deuses – sussurrou alguém.

Edwal caiu de joelhos e babou uma espuma sangrenta na areia.

Mestre Hunnan o segurou quando ele tombou de lado. Brand e alguns outros se aglomeraram ao redor, todos gritando uns por cima dos outros. Thorn mal conseguia identificar as palavras acima do ribombar do próprio coração.

Ficou de pé oscilando, o rosto latejando, o cabelo solto chicoteando o olho com o vento. Imaginava que tudo não passasse de um pesadelo. Só podia ser. Rezava para que fosse. Fechou os olhos com força, apertou-os. Como tinha feito quando a levaram ao corpo de seu pai, branco e frio sob a cúpula do Salão dos Deuses.

Aquilo havia sido real, e agora também era.

Quando abriu os olhos, os garotos ainda estavam ajoelhados em volta de Edwal e ela só podia ver os pés frouxos dele, calçados com botas. Riscas pretas serpenteavam pela areia, e então a Mãe Oceano mandou uma onda e as tornou vermelhas, depois cor-de-rosa. Em seguida foram lavadas e levadas embora.

Pela primeira vez em muito tempo, Thorn sentiu medo de verdade.

Hunnan se levantou lentamente, virou-se lentamente. Ele sempre franzia a testa, sobretudo para ela. Mas agora havia em seus olhos um brilho que ela jamais tinha visto.

– Thorn Bathu. – Ele apontou um dedo vermelho para ela. – Eu a declaro assassina.

## Nas sombras

“FAÇA O BEM”, disse a mãe de Brand no dia em que morreu. “Mantenha-se na luz.”

Aos 6 anos, ele não entendia o que significava fazer o bem. Aos 16, não tinha certeza de que estava muito mais perto de saber. Ali estava ele, afinal, desperdiçando o que deveria ser seu momento de maior orgulho, tentando descobrir qual era a coisa boa a fazer.

Era uma enorme honra guardar o Trono Negro. Ser aceito como guerreiro de Gettland à vista de deuses e homens. Ele havia lutado por isso, não é? Sangrado por isso? Merecido o lugar? Desde que Brand se entendia por gente, seu sonho era se postar armado em meio aos irmãos nas pedras sagradas do Salão dos Deuses.

Mas não se sentia na luz.

– Eu me preocupo com esse ataque contra os insulares – dizia pai Yarvi, trazendo o assunto à baila num círculo fechado, como os ministros sempre pareciam fazer. – O Rei Supremo proibiu que as espadas fossem desembainhadas. Ele vai receber isso muito mal.

– O Rei Supremo proíbe tudo – replicou a rainha Laithlin, com uma das mãos na barriga inchada da gravidez. – E recebe tudo mal.

Ao seu lado, o rei Uthil se remexeu adiante no Trono Negro.

– Enquanto isso, ordena que os insulares, os vansterlandeses e quaisquer outros patifes que ele consiga forçar à obediência desembainhem as espadas contra nós.

A raiva dominou os grandes homens e mulheres de Gettland reunidos diante do patamar do trono. Uma semana antes, a voz de Brand seria uma das mais altas.

Porém, agora só conseguia pensar em Edwal com a espada de madeira atravessada no pescoço, soltando uma espuma vermelha pela boca, fazendo um som semelhante a um ronco. E em Thorn, oscilando na areia com o cabelo grudado no rosto sujo de sangue, boquiaberta enquanto mestre Hunnan a declarava assassina.

– Dois navios meus foram tomados! – A chave cravejada de pedras preciosas de uma mercadora balançou em seu peito enquanto ela sacudia o punho na direção do patamar. – E não foi só a carga perdida, mas homens também foram mortos!

– Os vansterlandeses atravessaram a fronteira outra vez! – soou um grito profundo no lado do salão ocupado pelos homens. – Queimaram fazendas e levaram boas pessoas de Gettland como escravas!

– Grom-gil-Gorm foi visto lá! – berrou alguém, e a simples menção ao nome encheu a cúpula do Salão dos Deuses de palavras murmurados. – O Quebrador de Espadas em pessoa!

– Os insulares devem pagar com sangue! – rosou um velho guerreiro caolho. – Depois os vansterlandeses e o Quebrador de Espadas.

– Claro que devem! – exclamou Yarvi para a multidão, erguendo a mão esquerda mirrada feito uma garra de caranguejo para pedir calma. – Mas a questão é quando e como. Os sábios esperam o momento certo, e não estamos nem um pouco preparados para entrar em guerra contra o Rei Supremo.

– Ou se está sempre preparado para a guerra. – Uthil girou suavemente o botão de sua espada, de modo que a lâmina nua relampejou na penumbra. – Ou nunca se está.

Edwal sempre estivera preparado. Era um homem que apoiava o companheiro ao lado, como um guerreiro de Gettland deveria fazer. Não mereceria morrer por causa disso, certo?

Thorn não se importava com nada que estivesse além da ponta do próprio nariz, e a borda de seu escudo nos bagos ainda doloridos de Brand não a tinha posto em lugar mais alto em sua escala de afeto. Mas ela havia lutado até o fim, contra todas as probabilidades, como um guerreiro gettlandês deveria fazer. Sem dúvida não merecia ser declarada assassina por causa disso.

Brand olhou cheio de culpa para as grandes estátuas dos seis Deuses Altos que exerciam seu julgamento acima do Trono Negro. Acima dele também. Remexeu-se como se ele é que tivesse matado Edwal e declarado Thorn uma assassina. Tudo o que tinha feito era olhar.

Olhar sem fazer nada.

– O Rei Supremo poderia convocar metade do mundo para entrar em guerra contra nós – dizia pai Yarvi, paciente como um mestre de armas explicando o básico para crianças. – Os vansterlandeses e os throvenlandeses são fiéis a ele, os inglings e os terra-baixenses estão rezando à sua Divindade Única. Avó Wexen está forjando alianças no Sul também. Estamos cercados por inimigos e precisamos ter amigos para...

– A resposta é o aço. – Uthil interrompeu seu ministro com uma voz afiada como uma lâmina. – O aço deve ser sempre a resposta. Reúna os gettlandeses. Vamos dar a esses insulares comedores de carniça uma lição que não esquecerão tão cedo.

Do lado direito do salão, os homens de testa franzida batiam no peito coberto por cota de malha, aprovando; no lado esquerdo, as mulheres com o cabelo brilhando de óleo murmuravam um apoio raivoso.

Pai Yarvi baixou a cabeça. Sua tarefa era falar em nome do Pai Paz, mas até ele estava sem palavras. Naquele dia, a Mãe Guerra governava.

– Que seja o aço então.

Brand deveria ter ficado empolgado com isso. Um grande ataque, como nas canções, e ele detinha o posto de guerreiro. Mas ainda estava preso ao quadrado de treino, tirando a casca de ferida do que poderia ter feito de modo diferente.

Se não tivesse hesitado... Se tivesse atacado sem pena, como o guerreiro que deveria ser, poderia ter derrotado Thorn e tudo acabaria ali. Ou se tivesse protestado, como Edwal, quando Hunnan colocou três contra uma, talvez pudessem ter impedido aquilo juntos. Mas não tinha falado. Enfrentar um inimigo no campo de batalha exigia coragem, mas era preciso ter o amigo ao lado. Ficar sozinho contra os amigos era um tipo de coragem diferente. Uma coragem que Brand não fingia ter.

– E há a questão de Hild Bathu – disse pai Yarvi.

O nome fez Brand erguer a cabeça bruscamente, como um ladrão apanhado em flagrante.

– Quem? – perguntou o rei.

– A filha de Storn Headland – respondeu Laithlin. – Ela gosta de ser chamada de Thorn, como se fosse um espinho incômodo.

– Ela fez mais do que espetar um dedo – comentou pai Yarvi. – Ela matou um garoto no quadrado de treino e foi declarada assassina.

– Foi declarada por quem? – gritou Uthil.

– Por mim.

A fivela de ouro da capa de mestre Hunnan reluziu enquanto ele entrava no facho de luz ao pé do patamar.

– Mestre Hunnan. – Um sorriso raro tocou o canto da boca do rei. – Eu me lembro bem das nossas lutas no campo de treino.

– Lembranças valiosas, meu rei, ainda que sejam dolorosas para mim.

– Rá! Você viu essa morte acontecer?

– Eu estava testando meus alunos mais velhos para avaliar quem era digno de entrar para o seu grupo de ataque. Thorn Bathu estava entre eles.

– Ela se envergonha tentando ocupar um posto de guerreiro! – gritou uma mulher.

– Ela envergonha a todos nós – concordou outra.

– Uma mulher não tem lugar no campo de batalha! – exclamou uma voz carrancuda no meio dos homens, e cabeças assentiram nos dois lados do salão.

– A própria Mãe Guerra não é uma mulher? – O rei apontou para os Deuses Altos acima deles. – Nós só lhe oferecemos a escolha. A Mãe dos Corvos escolhe os mercedores.

– E ela não escolheu Thorn Bathu – replicou Hunnan. – A garota tem temperamento venenoso. – Isso era verdade. – Ela fracassou no teste que estabeleci. – Era parcialmente verdade. – Ela se revoltou contra minha avaliação e matou o garoto Edwal. – Brand piscou. Não era exatamente uma mentira, mas estava longe de ser a verdade. A barba grisalha de Hunnan balançou enquanto ele sacudia a cabeça. – E eu perdi dois alunos.

– Descuido seu – rebateu pai Yarvi.

O mestre de armas fechou os punhos, mas Laithlin falou antes que ele pudesse retrucar:

– Qual seria o castigo para esse assassinato?

– Apedrejamento, minha rainha.

O ministro falava calmamente, como se considerassem a morte de um besouro, não de uma pessoa, ainda por cima alguém que Brand

conhecia a vida toda – mesmo que fosse alguém de quem quase sempre desgostara.

– Alguém aqui deseja falar a favor de Thorn Bathu? – indagou o rei, trovejante.

Os ecos de sua voz se esvaíram, deixando um silêncio sepulcral. Agora era a hora de dizer a verdade. De fazer o bem. De manter-se na luz. Brand olhou para o outro lado do Salão dos Deuses, com as palavras pincando nos lábios. Viu Rauk em seu posto, sorrindo. Sordaf também, o rosto pastoso parecendo uma máscara. Eles não emitiram o menor som.

Nem Brand.

– É muito duro ordenar a morte de alguém tão jovem. – Uthil se levantou do Trono Negro, e cotas de malha e saias farfalharam quando todos, menos a rainha, se ajoelharam. – Mas não podemos dar as costas para o certo simplesmente porque é doloroso.

Pai Yarvi se curvou ainda mais.

– Vou administrar sua justiça segundo a lei.

Uthil estendeu a mão para Laithlin e, juntos, desceram os degraus. Com relação a Thorn Bathu, apedrejamento era a palavra final.

Brand assistia numa incredulidade doentia. Ele tivera certeza de que algum rapaz iria se manifestar, porque eram honestos. Ou Hunnan contaria sua participação naquilo, porque era um mestre de armas respeitado. O rei ou a rainha descobririam a verdade, porque eram sábios e justos. Os deuses não permitiriam uma injustiça daquelas. Alguém faria alguma coisa.

Talvez, como ele, todos esperassem que outra pessoa consertasse a situação.

O rei andava rigidamente, a espada aninhada nos braços, o olhar fêreo que não se desviava à esquerda nem à direita. Os curtos meneios de cabeça da rainha eram recebidos como presentes e, com uma ou outra palavra, ela dava a entender que esta ou aquela pessoa deveria desfrutar do favor de visitar sua casa de contabilidade para resolver algum negócio. Eles chegaram mais perto, e mais perto ainda.

O coração de Brand batia alto em seus ouvidos. Sua boca se abriu. A rainha lançou um olhar gélido na direção dele por um instante e, num silêncio envergonhado e vergonhoso, ele deixou que os dois passassem.

Sua irmã vivia lhe dizendo que não era sua obrigação consertar o mundo. Contudo, se não fosse ele, quem faria isso?

– Pai Yarvi! – disse bruscamente, alto demais. Enquanto o ministro se virava, acrescentou, rouco e baixo demais: – Preciso falar com o senhor.

– Sobre o quê, Brand?

O jovem hesitou. Pensara que Yarvi não teria a menor ideia de quem ele era.

– Sobre Thorn Bathu.

Longo silêncio. O ministro era apenas alguns anos mais velho do que Brand, de rosto e cabelo claros, como se a cor tivesse sido lavada, tão magro que uma brisa forte poderia soprá-lo para longe. Ainda por cima tinha a mão aleijada. Porém, de perto, havia algo arrepiante nos olhos dele. Algo que fez Brand murchar.

Entretanto, agora não havia como voltar atrás.

– Ela não é assassina – murmurou ele.

– O rei acha que é.

Pelos deuses, sua garganta estava seca, mas Brand foi em frente, como um guerreiro deveria fazer:

– O rei não estava na areia. O rei não viu o que eu vi.

– O que você viu?

– Estávamos lutando para obter um posto no grupo de ataque...

– Nunca mais me diga o que eu já sei.

Aquilo não estava correndo tão bem quanto Brand esperava. Porém, assim seguiria, com esperanças.

– Thorn lutou comigo e eu hesitei... Ela deveria ter conseguido o posto. Mas mestre Hunnan colocou outros três contra ela.

Yarvi olhou para as pessoas que iam saindo do Salão dos Deuses e chegou mais perto.

– Três ao mesmo tempo?

– Edwal era um deles. Ela não pretendia matá-lo...

– Como ela se saiu contra os três?

Brand pestanejou, apanhado no contrapé.

– Bem... ela matou um deles.

– Disso não há dúvida. Eu estive consolando os pais de Edwal e prometendo justiça. Ela tem dezesseis invernos, não é?



– Thorn? – Brand não sabia direito o que isso tinha a ver com a sentença dela. – Eu... acho que sim.

– E conseguiu se sustentar no quadrado todo esse tempo contra os garotos? – Ele olhou Brand de cima a baixo. – Contra os homens?

– Em geral ela faz mais do que se sustentar.

– Ela deve ser muito feroz. Muito determinada. Muito cabeça-dura.

– Pelo que sei, ela é muito teimosa. – Brand percebeu que não estava melhorando em nada a situação e murmurou debilmente: – Mas... ela não é má pessoa.

– Ninguém é, para as mães. – Pai Yarvi suspirou fundo. – O que você gostaria que eu fizesse?

– O que... Eu o quê?

– Eu liberto essa garota encenqueira e transformo Hunnan e a família da garota em inimigos ou a apedrejo e os aplaco? Qual é a sua solução?

Brand não esperava ter que dar uma solução.

– Acho... que o senhor deveria seguir a lei?

– A lei? – Pai Yarvi bufou. – A lei é mais Mãe Oceano do que Pai Terra, sempre muda. A lei é uma marionete na mão de um titereiro, Brand, ela diz o que eu digo que ela diz.

– Só achei que eu deveria contar a alguém... bom... a verdade.

– Como se a verdade fosse preciosa. Posso encontrar mil verdades sob cada folha de outono, Brand, todo mundo tem a sua. Mas você só pensou em passar o fardo da sua verdade para mim, não é? Meus agradecimentos épicos, impedir Gettland de ir para a guerra contra todo o Mar Despedaçado não é o suficiente mesmo.

– Achei... que isso fosse fazer o bem.

De repente fazer o bem parecia menos uma luz acesa diante dele, clara como a Mãe Sol, e mais um brilho furtivo na escuridão do Salão dos Deuses.

– O bem de quem? O meu? O de Edwal? O seu? Assim como cada um de nós tem a própria verdade, cada um tem o próprio bem. – Yarvi chegou um pouco mais perto, falou um pouco mais baixo: – Mestre Hunnan pode adivinhar que você compartilhou sua verdade comigo, e aí? Você pensou nas consequências?

Agora as consequências se assentaram sobre Brand, frias como neve recém-caída. Ele ergueu os olhos, viu o brilho no olhar de Rauk em meio às sombras do salão, que ia se esvaziando.

– Um homem que dedica todos os pensamentos a fazer o bem e nenhum às consequências... – Pai Yarvi levantou a mão deformada e pressionou o dedo torto contra o peito de Brand. – É um homem perigoso.

O ministro lhe deu as costas, a ponta do cajado élfico batendo nas pedras polidas pela passagem dos anos até parecer vidro. Ele deixou Brand de olhos arregalados para a penumbra, mais preocupado do que nunca.

Não se sentia nem um pouco na luz.

## INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores  
da EDITORA ARQUEIRO,  
visite o site [www.editoraarqueiro.com.br](http://www.editoraarqueiro.com.br)  
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,  
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar  
de promoções e sorteios.



[www.editoraarqueiro.com.br](http://www.editoraarqueiro.com.br)



[facebook.com/editora.arqueiro](https://facebook.com/editora.arqueiro)



[twitter.com/editoraarqueiro](https://twitter.com/editoraarqueiro)



[instagram.com/editoraarqueiro](https://instagram.com/editoraarqueiro)



[skoob.com.br/editoraarqueiro](https://skoob.com.br/editoraarqueiro)

Se quiser receber informações por e-mail,  
basta se cadastrar diretamente no nosso site  
ou enviar uma mensagem para  
[atendimento@editoraarqueiro.com.br](mailto:atendimento@editoraarqueiro.com.br)

Editora Arqueiro  
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia  
04551-060 – São Paulo – SP  
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818  
E-mail: [atendimento@editoraarqueiro.com.br](mailto:atendimento@editoraarqueiro.com.br)